

Bad Blood

Fraude Bilionária no
Vale do Silício

JOHN CARREYROU

RASCUNHO!

Sumário

<i>Nota do Autor</i>	<i>VIII</i>
Prólogo	1
1. Uma Vida Deliberada	11
2. O “Robocola”	18
3. A Maçã da Cobiça	30
4. Adeus, East Paly	41
5. O Vizinho de Infância	54
6. Sunny	67
7. Dr. J	81
8. O miniLab	95
9. A Alternativa Saudável	109
10. “Quem é o Ten Cel Shoemaker?”	120
11. Há um Fuisz Fervendo	132
12. Ian Gibbons	141
13. Chiat\Day	150
14. Ao Vivo	161

15.	Unicórnio	174
16.	O Neto	184
17.	Fama	201
18.	O Juramento de Hipócrates	213
19.	A Dica	223
20.	A Emboscada	240
21.	Segredos Comerciais	250
22.	<i>La Mattanza</i>	259
23.	Controle de Danos	268
24.	O Rei Vai Nu	281
	Epílogo	294
	<i>Agradecimentos</i>	301
	<i>Notas</i>	305
	<i>Índice Remissivo</i>	325

Nota do Autor

Este livro é baseado em centenas de entrevistas com mais de 150 pessoas, dentre as quais, mais de 60 ex-funcionários da Theranos. A maioria das pessoas que aparecem como personagens na narrativa permitiu que seus nomes reais fossem usados, porém algumas pediram que suas identidades fossem protegidas, seja porque elas temessem uma represália da empresa, que acabassem envolvidas na investigação criminal que estava em curso no Departamento de Justiça, ou apenas queriam manter sua privacidade. Com vistas a meu interesse de angariar a versão mais completa e detalhada dos fatos, aceitei usar pseudônimos para aquelas pessoas. Com essa exceção, todos os demais detalhes que as descrevem, bem com suas experiências, são factuais e verdadeiros.

Todas as referências de e-mails ou documentos que apresento são literais e com base nos próprios documentos. Ao atribuir referências durante os diálogos dos personagens, essas foram reconstruídas a partir das memórias dos participantes. Alguns capítulos foram escritos com base em gravações de procedimentos legais, como depoimentos de testemunhas. Quando for este o caso, identifico as gravações detalhadamente na seção de notas ao término da narrativa.

Durante a escrita deste livro, entrei em contato com as figuras principais da saga Theranos e lhes ofereci a oportunidade de comentarem sobre quaisquer alegações a respeito deles. Elizabeth Holmes, em seu direito, rejeitou meus pedidos de entrevista e preferiu não cooperar com este relato.

RASCUNHO!

Prólogo

17 de Novembro de 2006

Tim Kemp trazia boas novas para sua equipe.

Ex-executivo da IBM, Kemp era o responsável pelo departamento de bioinformática da Theranos, uma startup que possuía um sistema inovador de exame de sangue. Recentemente, e empresa havia feito sua primeira grande demonstração ao vivo para uma empresa farmacêutica. Elizabeth Holmes, com 22 anos de idade e fundadora da Theranos, havia voado até a Suíça para demonstrar as capacidades de seu sistema para os executivos da Novartis, a gigante empresa farmacêutica europeia.

“Elizabeth me telefonou hoje cedo,” Kemp escreveu em um e-mail que enviaria para sua equipe, composta por 15 pessoas. “Ela expressou seu agradecimento e disse que ‘foi tudo perfeito!’ Ela especificamente me pediu para agradecer a vocês e dizer o quanto ela está grata. Ela ainda mencionou que o pessoal na Novartis ficou tão impressionado que solicitou uma proposta e que demonstrou interesse em fazer uma negociação financeira para criarmos um projeto. Estamos cumprindo nossa missão!”

Este foi um momento crucial para a Theranos. A startup, então com três anos de idade, havia se metamorfoseado de uma ideia ambiciosa idealizada por Holmes nos dormitórios de Stanford para um produto real pelo qual uma multinacional enorme demonstrava interesse de uso.

O rumor do sucesso da apresentação na Suíça chegou até o segundo andar, onde ficavam os escritórios dos executivos seniores.

Um desses executivos era Henry Mosley, o diretor financeiro da Theranos. Ele havia iniciado na empresa 8 meses antes, em março de 2006. Com roupas amassadas, olhos verdes cativantes e uma personalidade despojada, ele era um veterano da área tecnológica do Vale do Silício. Ele cresceu na região de Washington, D.C., obteve seu MBA na Universidade de Utah e mudou-se para a Califórnia no fim dos anos 1970, e nunca mais saiu de lá. Seu primeiro emprego foi na Intel, a fabricante de chips, uma das pioneiras do Vale. Posteriormente, chegou a ser o responsável pela área financeira de outras quatro empresas tecnológicas, tendo aberto o capital de duas delas. A Theranos era totalmente outra praia.

Mosley havia sido atraído para a Theranos por conta de todo o talento e experiência em torno de Elizabeth. Mesmo sendo ainda muito jovem, ela estava cercada por um elenco de superestrelas. O presidente de sua diretoria era Donald L. Lucas, um capitalista de risco que havia treinado Larry Ellison, empreendedor bilionário do ramo de softwares, e o havia ajudado a abrir o capital da Oracle Corporation no meio da década de 1980. Lucas e Ellison haviam investido dinheiro do próprio bolso na Theranos.

Outro integrante da diretoria com uma ótima reputação era Channing Robertson, o vice-reitor da Escola de Engenharia de Stanford. Robertson era uma das estrelas do corpo docente de Stanford. Seu relato de especialista sobre as propriedades viciantes dos cigarros havia forçado a indústria do tabaco a fazer um acordo histórico de U\$6.5 bilhões com o estado de Minnesota no fim dos anos 1990. Levando em conta as poucas interações que Mosley havia tido com ele, ficava claro que Robertson tinha grande apreço por Elizabeth.

A Theranos também possuía uma equipe gerencial muito forte. Kemp passou 30 anos na IBM. Diane Parks, a diretora comercial da Theranos, carregava 25 anos de experiência em seu histórico, havendo passado por empresas farmacêuticas e biotecnológicas. John Howard, o vice-presidente sênior de produtos, havia supervisionado uma subsidiária da Panasonic, que fabricava chips. Não era nada comum encontrar executivos deste calibre em uma startup pequena.

No entanto, não era apenas a diretoria e a equipe executiva que haviam persuadido Mosley a ir para a Theranos. O mercado que a empresa buscava era enorme. As empresas farmacêuticas gastavam bilhões e bilhões de dólares em ensaios clínicos para testarem novos remédios a cada ano. Se a Theranos pudesse mostrar-se indispensável para elas e capturar uma fração daquele enorme gasto, ela poderia ganhar uma fortuna.

Elizabeth havia pedido para ele providenciar algumas projeções financeiras para que ela pudesse apresentá-las aos investidores. Os primeiros números que ele havia mostrado não foram do gosto dela, forçando-o a revisá-los e alterá-los para cima. Ele sentiu um certo incômodo ao ter que fazer isso, mas constatou que ainda assim, os números ainda ficavam dentro dos limites do possível, caso a empresa se comportasse perfeitamente. Além disso, os investidores de risco que investiam em startups que a empresa buscava sabiam que os fundadores das startups exageravam essas previsões. Era parte do jogo. Os investidores tinham até uma expressão para isso: a previsão “taco de hóquei”, que mostrava uma receita estagnada durante alguns anos e então, magicamente subia em linha reta.

A única coisa que Mosley ainda não sabia se entendia perfeitamente era como a tecnologia da Theranos funcionava. Quando alguns investidores em potencial apareciam, ele os levava para falarem com Shaunak Roy, o cofundador da Theranos. Shaunak tinha doutorado em engenharia química. Ele e Elizabeth haviam trabalhado juntos no laboratório de pesquisas de Robertson, em Stanford.

Shaunak picava seu dedo, extraíndo algumas gotas de sangue. Então, colocava o sangue em cartucho de plástico branco que era do tamanho de um cartão de crédito. O cartucho era alocado em uma caixa retangular que tinha o tamanho de uma sanduicheira. Essa caixa era chamada de “leitor”. Ela extraía os dados do cartucho, enviava os dados para um servidor através de uma conexão sem fio, o servidor analisava os dados e reenviava os resultados. Era isso, em essência.

Quando Shaunal demonstrava o sistema para os investidores, eles mostrava uma tela de computador que apresentava o sangue passando através do cartucho dentro do leitor. Mosley, na realidade, não entendia a física ou a química que acontecia. Porém, esse não era seu

papel. Ele era o cara das finanças. Contanto que o sistema apresentasse resultados, ele ficava feliz. E era o que sempre acontecia.

ELIZABETH VOLTOU DA Suíça alguns dias depois. Ela caminhava pela empresa com um sorriso no rosto, uma evidência a mais de que a viagem havia sido um sucesso, Mosley imaginou. Não que isso fosse incomum. Elizabeth geralmente estava para cima. Ela possuía um otimismo ilimitado de empreendedora. Ao descrever a missão da Theranos nos e-mails para a equipe, ela gostava de usar o termo “*extra-ordinário*”, com “*extra*” escrito em itálico e usando um hífen para dar mais ênfase. Era um pouco exagerado, porém ela parecia sincera ao fazer isso e Mosley sabia que a autopromoção era o que os fundadores de startups de sucesso faziam no Vale do Silício. Não era possível mudar o mundo sendo cético.

O que era estranho, todavia, era o fato de que os poucos colegas de trabalho que haviam acompanhado Elizabeth na viagem não pareciam compartilhar do entusiasmo dela. Alguns aparentavam estar totalmente abatidos.

Será que o cachorrinho de alguém havia sido atropelado?, Mosley imaginava, com um toque de humor.

Ele foi ao andar de baixo, onde ficava a maioria dos 60 funcionários em núcleos de cubículos, e procurou por Shaunak. Certamente, Shaunak saberia dizer se havia qualquer problema sobre o qual ele não havia sido informado.

Inicialmente, Shaunak alegou não saber de nada. Mas Mosley percebeu que ele estava escondendo o jogo e continuou a pressioná-lo. Aos poucos, Shaunak foi baixando sua guarda e confessou que o Theranos 1.0, como Elizabeth havia batizado o sistema de exame de sangue, nem sempre funcionava. Na verdade, era meio que uma roleta russa, ele disse. Às vezes, era possível convencer o sistema para dar um resultado. Às vezes, não.

Para Mosley, isso era novidade. Ele imaginava que o sistema era confiável. Afinal, ele sempre parecia funcionar durante as visitas dos investidores!

Bem, havia uma razão pela qual ele sempre parecia funcionar, expôs Shaunak. A imagem no monitor que mostrava o sangue passando pelo cartucho para os pequenos compartimentos do leitor era real. Mas, nunca sabíamos se obteríamos um resultado ou não. Então, eles gravaram um resultado em uma das vezes que o sistema funcionou. Era esse resultado gravado que era demonstrado ao fim de cada demonstração.

Mosley estava perplexo. Ele jurava que os resultados eram extraídos em tempo real a partir do sangue que estava dentro dos cartuchos. Com certeza era isso que os investidores que ele trazia eram levados a crer. O que Shaunak havia descrito há pouco aparentava ser um golpe. Tudo bem ser otimista e ter altas aspirações na tentativa de atrair investidores, mas havia um limite que não poderia ser ultrapassado. E essa situação, na visão de Mosley, havia ultrapassado.

Então, o que exatamente havia acontecido na Novartis?

Mosley não conseguia obter uma resposta direta de ninguém, porém, agora ele suspeitava que uma certa manipulação estava em uso. E ele estava certo. Um dos dois leitores que Elizabeth havia levado para a Suíça não funcionou bem quando chegaram lá. Os funcionários que haviam ido com ela passaram a noite tentando fazer a máquina funcionar. Para encobrir o problema durante a apresentação do dia seguinte, a equipe de Tim Kemp na Califórnia transmitiu um resultado falso.

MOSLEY TINHA SUA reunião semanal com Elizabeth agendada para aquela tarde. Ao entrar na sala dela, ele imediatamente lembrou-se do quanto ela era carismática. Ela tinha a presença de alguém muito mais velho que ela. A maneira pela qual ela mirava seus grandes olhos azuis em você, sem piscar, fazia você se sentir o centro do universo. Era quase hipnótico. Sua voz aumentava o efeito cativante: ela falava em um tom de barítono profundo um tanto quanto incomum.

Mosley decidiu deixar a reunião seguir seu ritmo natural antes de mencionar suas preocupações. A Theranos havia acabado de fechar sua terceira rodada de investimentos. Sob qualquer perspectiva, era

um resultado estrondoso: a empresa conseguira mais U\$32 milhões dos investidores, além dos U\$15 milhões conseguidos na primeira rodada. O número mais impressionante era o que representava a nova avaliação da empresa: agora, valia \$160 milhões de dólares. Não havia muitas startups com três anos de existência que podiam dizer que valiam tanto assim.

Um dos grandes motivos para ter atingido uma avaliação tão alta foi que a Theranos disse aos investidores que havia feito acordos com parceiros de empresas farmacêuticas. Uma apresentação de slides listava seis negociações com cinco grandes empresas, que gerariam receitas de \$120 a \$ 300 milhões de dólares durante os dezoito meses seguintes. A apresentação listava ainda outras 15 parcerias em negociação. Caso essas rendessem frutos, as receitas poderiam atingir U\$1.5 bilhões futuramente, de acordo com a apresentação no PowerPoint.

As empresas farmacêuticas usariam o sistema de exame de sangue para monitorar as reações dos pacientes aos novos medicamentos. Os cartuchos e os leitores seriam colocados nas casas dos pacientes durante os ensaios clínicos. Os pacientes precisariam picar seus dedos várias vezes por dia e os leitores fariam a transmissão dos resultados dos exames de sangue para o responsável pelo ensaio. Caso os resultados apresentassem uma reação indesejada ao medicamento, o fabricante daquele medicamento conseguiria diminuir a dose imediatamente, em vez de ter que esperar até o fim do ensaio. Isso reduziria os custos de pesquisa das empresas farmacêuticas em cerca de 30%. Pelo menos, era o que os slides mostravam. A inquietação de Mosley com respeito a essas alegações havia crescido desde a descoberta naquela manhã fatídica. Uma coisa era certa, durante seus oito meses na Theranos, ele nunca havia visto os contratos farmacêuticos. Sempre que ele perguntava a respeito deles, lhe diziam que estavam em “análise jurídica”. Mais importante ainda, ele havia concordado com aquelas previsões ambiciosas porque ele acreditava que o sistema da Theranos funcionava com segurança.

Se Elizabeth também compartilhava desses receios, ela não dava indicação alguma disso. Ela era a imagem de alguém relaxado e feliz. A nova avaliação da empresa, em particular, foi motivo de um gran-

de orgulho. Novos diretores podem juntar-se à equipe para refletir o aumento em nossa carteira de investidores, ela comentou com ele.

Mosley percebeu uma abertura para mencionar a viagem para a Suíça e os comentários no escritório de que algo havia dado errado. Ao fazer isso, Elizabeth admitiu que um problema havia ocorrido, porém deu pouca importância ao fato. Vamos consertar isso rapidamente, ela adicionou.

Mosley mostrava-se hesitante em vista do que agora sabia. Ele mencionou o que Shaunak havia lhe contado sobre as demonstrações aos investidores. Eles deveriam parar com as apresentações se elas não fossem totalmente reais, ele comentou. “Estamos enganando os investidores. Não podemos continuar fazendo isso.”

A expressão de Elizabeth mudou de repente. Seu jeito animado de alguns instantes atrás desapareceu e deu lugar a uma aparência de hostilidade. É como se um interruptor houvesse sido mudado. Ela lançou um olhar frio e fixo para seu diretor financeiro.

“Henry, você não sabe trabalhar em equipe,” ela disse em um tom muito frio. “Acho que você deveria sair agora mesmo.”

Não havia como não entender o que acabara de acontecer. Elizabeth não estava apenas pedindo que ele saísse de sua sala. Ela estava dizendo para ele sair da empresa — imediatamente. Mosley acabara de ser demitido.

RASCUNHO!

Uma Vida Deliberada

Elizabeth Anne Holmes desde cedo sabia que queria ser uma empresária de sucesso.

Aos 7 anos de idade, ela começou a projetar uma máquina do tempo e encheu um caderno com desenhos detalhados com toda a engenharia.

Quando tinha 9 ou 10 anos, durante um encontro da família, um de seus familiares lhe fez aquela pergunta comum a todos os garotos e garotas: “O que você quer ser quando crescer?”

Elizabeth imediatamente respondeu, “Quero ser uma bilionária.”

“Você não prefere ser presidente?” aquele parente perguntou.

“Não, o presidente vai se casar comigo porque eu terei 1 bilhão de dólares.” Essas não eram palavras aleatórias de uma criança. Elizabeth as pronunciou com a mais profunda seriedade e determinação, de acordo com um integrante da família que presenciou a cena.

A ambição de Elizabeth foi alimentada por seus pais. Christian e Noel Holmes tinham grandes expectativas para sua filha que carregava consigo os profundos laços da distinta história familiar.

Pelo lado do pai, ela descendia de Charles Louis Fleischmann, um imigrante húngaro que havia fundado um próspero negócio, conhe-

cido como a Empresa de Fermento Fleischmann. Seu sucesso incrível transformou os Fleischmanns em uma das famílias mais ricas na América do Norte no início do século XX.

Bettie Fleischmann, a filha de Charles, casara-se com o médico de seu pai, o dinamarquês Dr. Christian Holmes. Ele era o tataravô de Elizabeth. Subsidiado com as conexões políticas e comerciais da rica família de sua esposa, o Dr. Holmes fundou o Hospital Geral de Cincinnati e a Faculdade de Medicina da Universidade de Cincinnati. Portanto, o caso era que Elizabeth não havia herdado apenas os genes de empreendedorismo, mas os genes médicos também — conforme os investidores de risco concentrados na região do campus da Universidade de Stanford comprovariam anos depois.

Noel, a mãe de Elizabeth, tinha seu próprio histórico familiar de orgulho. Seu pai havia se formado na Academia Militar dos EUA, West Point, tendo planejado e executado a mudança do serviço militar obrigatório para um serviço voluntário, enquanto ocupava um dos altos cargos oficiais do Pentágono no início dos anos 1970. A linhagem dos Daousts vinha de um dos principais generais de batalha de Napoleão, o marechal Davout.

Porém, foram as realizações da família por parte de seu pai que falaram mais alto e acabaram cativando sua imaginação. Chris Holmes fez o que pôde para ensinar sua filha não apenas sobre o enorme sucesso de suas gerações mais velhas, mas também, sobre as falhas das gerações mais novas. Tanto o pai como o avô dele haviam tido uma vida longa, porém com muitos erros, casando-se várias vezes e lutando contra o alcoolismo. Chris os culpava por desperdiçar a riqueza da família.

“Cresci ouvindo essas histórias de grandeza,” Elizabeth contou à revista *The New Yorker* anos depois durante uma entrevista, “e sobre as pessoas que decidem não passar a vida de forma deliberada, e o que acontece com elas ao tomarem essa decisão — o impacto no caráter e na qualidade de vida.”

OS ANOS INICIAIS DE ELIZABETH foram passados em Washington, D.C., onde seu pai exerceu uma série de trabalhos em agências governamentais, desde o Departamento de Estado até a Agência de Desenvolvimento Internacional. Sua mãe trabalhava como assistente no Capitólio, o centro legislativo dos EUA, até que interrompeu sua carreira para cuidar de Elizabeth e de seu irmão mais novo, Christian.

Durante os verões, Noel e as crianças costumavam ir para Boca Raton, na Flórida, onde os tios de Elizabeth, Ron e Elizabeth Dietz, tinham um apartamento com uma linda vista para a Intracoastal Waterway. David, o filho deles, tinha três anos e meio a menos que Elizabeth e um ano e meio a menos que Christian.

Os primos dormiam em colchões de espuma no chão do apartamento e assim que a manhã despontava, corriam até a praia para nadarem. As tardes eram passadas jogando Monopoly. Toda vez que Elizabeth estava ganhando, o que acontecia quase sempre, ela insistia em jogar até o fim, aquela parte amarga do jogo, empilhando suas casas e hotéis pelo tempo necessário até que David e Christian falissem. Nas poucas vezes que perdia, ela saía correndo em um ataque de fúria e, mais de uma vez, havia quebrado a tela da porta da frente do apartamento ao fazer isso. Era um vislumbre inicial de seu intenso traço competitivo.

Durante o ensino médio, Elizabeth não estava entre alunos os mais populares. Naquela época, sua família havia se mudado para Houston devido ao novo trabalho de seu pai no grupo Tenneco. Os filhos dos Holmes frequentavam St. John, a escola particular mais prestigiosa de Houston. Elizabeth era uma adolescente desengonçada com grandes olhos azuis, e pintava seu cabelo de loiro para tentar ser aceita no grupo, enquanto lutava contra um distúrbio alimentar.

Durante seu segundo ano, ela se dedicou ao máximo aos estudos, frequentemente ficando acordada até tarde para estudar, o que a transformou em uma aluna que só tirava 10. Este foi o início de um padrão de vida: trabalhar muito e dormir pouco. À medida que obtinha a excelência acadêmica, ela também conquistava seu espaço social e começou a namorar o filho de um respeitado cirurgião ortopédico de Houston. Eles viajaram juntos a Nova York para celebrar a virada do milênio na Times Square.

Com a proximidade da faculdade, Elizabeth concentrou sua atenção em Stanford. Era a escolha óbvia para uma aluna talentosa, interessada em ciências e em computadores e que sonhava em se tornar uma empreendedora. A pequena faculdade agrícola fundada no fim do século XIX pelo magnata das ferrovias, Leland Stanford, havia criado um vínculo inextricável com o Vale do Silício. O boom da internet estava a todo o vapor na época e algumas das maiores estrelas, como o Yahoo, haviam sido criadas no campus de Stanford. Durante o último ano de Elizabeth no ensino médio, dois alunos de doutorado de Stanford estavam começando a chamar a atenção com uma outra startup pequenina, chamada Google.

Elizabeth já conhecia Stanford bem. Sua família havia vivido há alguns quilômetros de distância do campus de Stanford, em Woodside, na Califórnia, durante vários anos no fim da década de 1980 e no começo da década de 1990. Durante esse período, ela havia feito amizade com sua vizinha, uma garota que se chamava Jesse Draper. O pai dela era Tim Draper, a terceira geração de investidores de risco que estava prestes a tornar-se um dos investidores de startups mais bem-sucedidos do Vale.

Elizabeth tinha ainda outra conexão com Stanford: o chinês. Seu pai havia viajado várias vezes a negócios para a China e decidiu que seus filhos deveriam aprender mandarim, então ele e Noel conseguiram um professor particular que vinha até a casa deles em Houston nos sábados pela manhã. Durante o ensino médio, Elizabeth conseguiu entrar no curso de verão de chinês de Stanford. Supostamente, era apenas para os alunos universitários, mas com sua fluência, ela havia impressionado tanto o diretor do curso que ele abriu uma exceção. As primeiras cinco semanas do curso aconteciam no campus da Stanford em Palo Alto, seguidas por quatro semanas de aulas em Pequim.

ELIZABETH FOI ACEITA em Stanford na primavera de 2002 como bolsista do programa President's Scholar, uma distinção conferida aos melhores alunos que vinha com uma bolsa de três mil dólares que ela poderia usar na busca dos interesses intelectuais de sua escolha.

Seu pai havia gradualmente inculcido a noção de que ela deveria viver uma vida deliberada. Durante sua carreira no serviço público, Chris Holmes havia supervisionado esforços humanitários como o Êxodo de Mariel em 1980, quando mais de 100 mil cubanos e haitianos migraram para os EUA. Pela casa, havia fotos dele oferecendo serviços de ajuda humanitária em cidades destruídas pela guerra. A mensagem que Elizabeth levou consigo é que se ela realmente quisesse deixar uma marca no mundo, ele precisaria realizar algo que promovesse o bem maior, e não apenas tornar-se rica. A biotecnologia oferecia a possibilidade de realizar as duas coisas. Ela decidiu estudar engenharia química, uma área que oferecia uma entrada natural à indústria.

O rosto que representava o departamento de engenharia química de Stanford era o de Channing Robertson. Carismático, bonito e divertido, Robertson era professor na universidade desde 1970 e possuía uma habilidade rara de conectar-se com seus alunos. Ele também era, de longe, o integrante mais descolado da equipe de professores de engenharia, com seu topete loiro grisalho, ia para as aulas com uma jaqueta de couro que lhe conferia a aparência ser 10 anos mais jovem do que seus atuais 59.

Elizabeth assistiu as aulas de Introdução à Engenharia Química ministradas por Robertson bem como a um seminário que ele conduzia sobre aparelhos de administração de medicamentos controlados. Ela também o pressionou, pedindo que ele a deixasse participar em seu laboratório de pesquisas. Robertson concordou, delegando-a a um doutorando que estava trabalhando em um projeto que visava descobrir as melhores enzimas para colocar no sabão para lavar roupas.

À parte das longas horas que ela passava no laboratório, Elizabeth tinha uma vida social ativa. Ela participava das festas do campus e namorava um veterano do segundo ano chamado J. T. Batson. Ele vinha de uma cidadezinha do estado de Georgia e havia ficado impressionado pela polidez e pelas palavras bonitas de Elizabeth, embora ele também a considerasse um pouco fechada. “Ela não era do tipo que gostava de se abrir,” ele lembra. “Ela era muito reservada.”

Durante o recesso de inverno em seu primeiro ano, Elizabeth retornou para Houston para passar as festas de fim de ano com seus pais e com os Dietzes, que vieram de Indianópolis. Ela estava na faculdade há alguns meses, porém já começava a dar asas aos pensamentos de desistir. Durante o jantar de Natal, seu pai arremessou um aviãozinho de papel na direção dela com as letras “P. H. D.” escritas nas asas.

De acordo com um membro da família que estava presente na ocasião, a resposta dela foi direta: “Não, pai, não tenho interesse em fazer doutorado, quero ganhar dinheiro.”

Um dia durante aquela primavera, ela apareceu à porta do dormitório de Batson e lhe disse que não poderiam mais namorar porque ela estava começando uma empresa e teria que dedicar todo seu tempo a ela. Batson, que nunca havia sido dispensado por uma garota antes, ficou chocado, mas lembra-se que as razões incomuns que ela apresentou tiraram um pouco do peso da rejeição.

Na realidade, Elizabeth não saiu de Stanford até o outono seguinte, após retornar de um estágio que havia feito durante o verão no Instituto Genoma de Cingapura. A Ásia havia sido assolada em 2003 com a disseminação de uma doença desconhecida até então, denominada síndrome respiratória aguda, ou SARS, e Elizabeth havia passado o verão testando as amostras que coletava dos pacientes usando métodos antigos, com pouca tecnologia, como seringas e cotonetes nasais. A experiência a convenceu de que deveria haver outras maneiras melhores.

Ao chegar em sua casa em Houston, ela sentou-se à frente de seu computador e ali ficou por cinco dias seguidos, dormindo apenas uma ou duas horas por noite e alimentando-se nas bandejas de comida que sua mãe lhe trazia. A partir das novas tecnologias sobre as quais ela havia aprendido durante seu estágio e nas aulas de Robertson, ela fez um pedido de patente para um adesivo para o braço que ao mesmo tempo, conseguia diagnosticar e tratar as condições médicas.

Elizabeth conseguiu dormir durante a viagem de carro, quando sua mãe a levava do Texas à Califórnia para ela começar seu segundo ano na universidade. Assim que chegou ao campus, ele mostrou sua patente a Robertson e Shaunak Roy, o doutorando que ela auxiliava no laboratório.